

Imagens sem movimento em Vila do Conde

Moving, exposição de fotografia de André Cepeda, é hoje inaugurada na Solar – Galeria de Arte Cinemática

ÓSCAR FARIA

Há imagens que nos ficam na retina durante uma qualquer viagem. Muitas atravessam o olhar quotidianamente; ali estão, do lado de fora, separadas por *rails*, atrás de um muro ou de uma vedação, num espaço ermo ou entre anónimos prédios. Trata-se de visões fugidias que, por qualquer motivo, se impõem à consciência, criando a necessidade de voltar a elas e fixá-las, num suporte perene, espécie de prova de uma realidade em decomposição, sem vida. Este é o ponto de vista de *Moving*, exposição de André Cepeda (Coimbra, 1976) que é hoje inaugurada na Solar – Galeria de Arte Cinemática, em Vila do Conde.

A exposição reúne dez transparências fotográficas instaladas em caixas de luz, nas quais é possível observar um conjunto de paisagens definidas pelo alcatrão, pelo cimento, pelo pré-fabricado, pelo desordenamento de um território em conflito com a natureza. São imagens captadas em situações ideais: à cuidada composição soma-se o momento da sua inscrição na película, na qual a luz natural assume um papel determinante — há instantâneos dos quais emana uma inesperada dimensão artificial, como se o assunto fosse irreal, porém, essa (falsa) impressão deve-se quer à escolha do filme (“natural color”), quer ao rigor propiciado pela máquina técnica usada nesta série por André Cepeda.

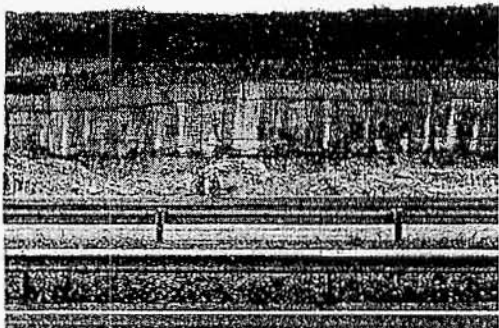
Moving é constituída por grandes formatos captados entre Novembro de 2005 e Janeiro deste ano, trata-se de um projecto ainda em curso é no qual o artista procura fixar “imagens que passam enquanto se viaja; todos nós gostamos de olhar para fora da janela”.

André Cepeda usa o exemplo do *travelling* cinematográfico para explicar que, no seu caso, há a tentativa de reter alguns instantes situados no interior desse movimento contínuo possível de ser experimentado, por exemplo, numa qualquer auto-estrada. A exposição compõe-se assim de fragmentos do real e propicia uma dupla leitura: por um lado, as paisagens retratadas testemunham o cerco do betão, a desumanidade dessa imparável progressão, por outro, no plano estético, cada instantâneo revela uma eficácia visual que é produtora de uma imagética da experiência — em analogia ao termo usado para caracterizar a poesia de Jaime Gil de Biedma.

De facto, as fotografias de André Cepeda constituem-se a partir do ponto de vista do passeante, daquele que flana através da cidade em busca dos sinais de vida, ou de morte, de uma época. No desdobrável editado para acompanhar a exposição, Johan Vonck nota que o artista poderia ser descrito como “um *flâneur*, numa errância constante em busca de imagens precisas, de clichés capazes de traduzir a sua relação com a cidade, de traçar um retrato tão íntimo da cidade quanto do seu autor”. E, de repente, entre estes horizontes consumidos pela irregular acumulação de materiais cinzentos, metalizados, enferrujados, irrompe o rubor do azevinho, a sombra de uma árvore, um plano verde de ervas daninhas.

Há, de facto, um “lado de abandono” nestes trabalhos, nos quais ainda se pode observar a atenção dada a aspectos esculturais e arquitectónicos dos espaços neles fixados. ■

Moving, de André Cepeda
VILA DO CONDE Solar
– Galeria de Arte Cinemática
(Solar de S. Roque). Rua do Lidador. Tel.: 252646616. De 3ª a 6ª, das 14h30 às 18h; sáb. e dom., das 9h30 às 12h30 e das 14h30 às 18h. Inaugura-se hoje às 17h. Até 23 de Abril.



Um dos trabalhos de André Cepeda